

LETÍCIA LAMPERT

Conhecidos de vista (fragmento),

Fotografia, 2012



CONHECIDOS DE VISTA:

a cidade e suas janelas indiscretas

LETÍCIA LAMPERT*

RESUMO Este artigo apresenta o projeto em Artes Visuais/Fotografia *Conhecidos de Vista*, que tem as relações entre vizinhos que não se conhecem, mas têm suas janelas próximas demais, como tema principal. Questões como a influência da especulação imobiliária na vida das pessoas e o ver e ser visto na cidade são abordadas por meio das imagens e depoimentos coletados para o projeto e das aproximações com os filmes *Janela indiscreta*, de Alfred Hitchcock (1954), e *Medianeras*, de Gustavo Taretto (2011).

PALAVRAS-CHAVE Cidade. Janela. Fotografia.

PEOPLE KNOWN BY SIGHT:

the city and its indiscreet windows

ABSTRACT The Visual Arts/Photography project “Conhecidos de Vista” presents the relationship among neighbors who do not know each other, but whose windows are too close is the main theme here. Issues such as the influence of the real state speculation on people’s lives, to see and to be seen in the city are discussed through the images and reports collected for the project. The paper approaches the films *Rear Window*, by Alfred Hitchcock (1954) and *Medianeras*, by Gustavo Taretto (2011).

KEYWORDS City. Window. Photography.

*Designer, Artista e Mestranda em Poéticas Visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Brasil). *E-mail*: <contato@leticialampert.com.br>.

A cordar, abrir a janela e deixar o sol entrar. Um gesto simples e banal, que faz parte da vida e do cotidiano de todos nós. Abrimos a janela para ver como está o tempo, para sentir a temperatura, para olhar a cidade ou para, simplesmente, deixar a luz do dia entrar. Mas nas cidades, cada vez mais apinhadas de gente, com prédios cada vez mais estreitos e próximos uns dos outros, vista e claridade se tornaram artigos de luxo. Mais do que abrir a janela e deixar o sol entrar, abrimos a janela e damos de cara com um paredão de concreto ou, quem sabe, com a janela do vizinho. E quando a vista da nossa janela se torna outra janela, passamos a ser, conseqüentemente, a vista de alguém também. Querendo ou não, estamos todos sendo observados.

E, assim, fechamos a janela, buscando um pouco de privacidade, tentando fugir de ruídos incômodos ou dos olhares curiosos daqueles anônimos conhecidos que habitam nosso dia a dia, ou melhor, desconhecidos já tão íntimos que muitas vezes poderiam tecer longas descrições sobre nossos hábitos mais banais. Conhecidos de vista, literalmente.

As fachadas e paredes dos prédios passam a significar assim este limite entre mundos, tão próximos e tão distantes ao mesmo tempo. E as janelas, por sua vez, tornam-se um lugar singular de contato entre estes espaços de natureza tão diversa: o público e o privado. Através da janela um pouco de um alcança o outro, seja pelo que é visto, pelo que é ouvido, ou mesmo pelos cheiros que atravessam paredes e aguçam nossa curiosidade.

Mas esta proximidade física nem sempre se reflete na proximidade das relações subjetivas. Pelo contrário, parece que, para nos protegermos desta intimidade forçada com um outro desconhecido, criamos mecanismos e atitudes para nos afastarmos o máximo possível, cultivando um neutro distanciamento. Este distanciamento, no entanto, não consegue ser tão grande a ponto de nunca ser tocado pela existência do outro. Ouvimos ruídos, percebemos hábitos, trocamos olhares e saudações. Quem é aquela pessoa? Quem mora ali? O que tem atrás daquela parede? Como é a vista daquele ângulo?

LETÍCIA LAMPERT
Sem título, 2012, fotografia



LETÍCIA LAMPERT
Conhecidos de Vista (fragmento), 2012, fotografia



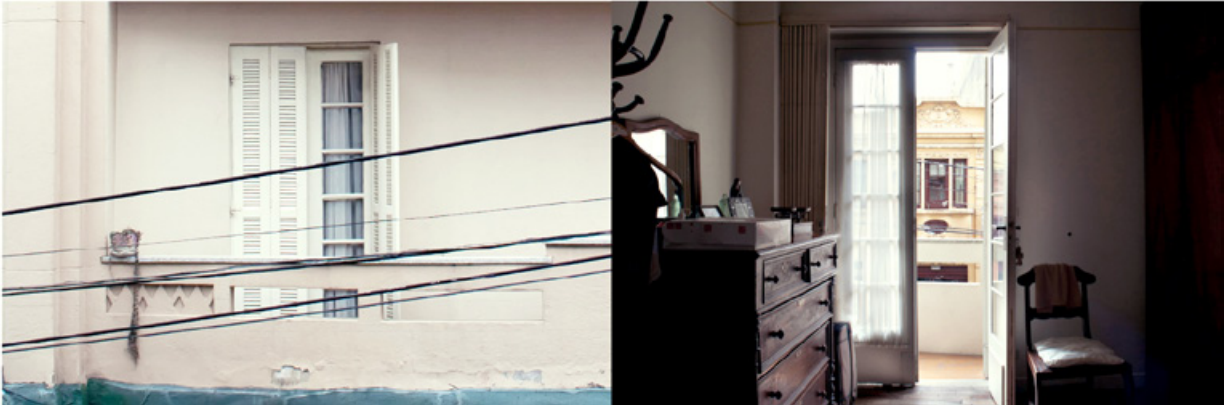
Oh, como cantam no andar de cima! Há um andar de cima nesta casa, com outras pessoas. Há um andar em cima onde moram pessoas que não percebem seu andar de baixo, e estamos todos dentro do tijolo de cristal. (CORTÁZAR, 2001, p. 16)

Partindo dessas perguntas e de uma produção pessoal que já vinha se debruçando sobre as relações entre a arquitetura e o morar na cidade, hábitos e cotidiano, passei a fotografar estas vistas da cidade que eu não conhecia, a vista da janela dos outros, assim como o ambiente que a parede da fachada escondia. A ideia era explorar este jogo entre ver e ser visto na cidade, entre o que é público e o que é privado no contexto urbano, sempre utilizando a janela como ponto de conexão entre esses lados tão opostos e carregados de significados.

Mas como fotografar a vista da janela dos outros? Como entrar nestes espaços privados, fechados à circulação? Para realizar este projeto, passei então a visitar prédios em Porto Alegre, minha cidade de residência, onde esta situação de janelas que se “olham” mutuamente fosse bastante crítica e, especialmente, quando ela acontecia em ruas estreitas e entre fachadas. Em áreas urbanas de grande densidade, esta relação de proximidade entre janelas laterais já é quase a regra, mas, quando acontece entre fachadas, parece evidenciar ainda mais o encaixotamento imobiliário que, já há um certo tempo e cada vez com mais intensidade, estamos vivenciando.

Por meio, então, do contato com porteiros, síndicos e moradores, fui pedindo permissão para entrar em alguns apartamentos e assim fotografar o ponto de vista que a janela deles oferecia, buscando, posteriormente, fazer o mesmo no prédio da frente, rebatendo a imagem exatamente no mesmo ângulo. Criava assim uma relação de negativo e positivo. Além de ser o elemento de ligação entre os dois lados, um lugar de fronteira onde um pouco de um pode alcançar o outro, a janela tem papel fundamental neste jogo de imagens, pois sua esquadria (ou, em alguns casos de sacadas, o marco da porta) é o único elemento que de fato se repete nas imagens dos dois lados, permitindo assim esta identificação. Todo o resto não tem ligação formal nenhuma. Impossível, vendo de fora, ter ideia do que há dentro. Da mesma forma, de dentro, o ambiente do apartamento não tem relação nenhuma com a fachada do prédio.

Durante o desenvolvimento do projeto, cada fotografia se tornava uma conquista. Não é simples circular, quase como *flâneur*, nos ambientes destinados à vida privada. Apesar de um número grande de participações, poucos me receberam sem



LETÍCIA LAMPERT

Conhecidos de Vista (fragmento), 2012, fotografia

uma certa resistência inicial, o que é fácil de entender em um mundo cada vez mais assombrado pela violência urbana. Se a hesitação não vinha pela questão da segurança ou do estranhamento do pedido de entrar na casa para fazer uma fotografia interna, vinha pelo lado da estética. “Mas meu apartamento não tem uma vista bonita, não vale a pena tirar fotos”, vários me diziam, incrédulos de que era justamente isso que eu queria fotografar.

Nessas visitas e conversas com os moradores, sempre perguntava se conheciam e tinham contato de alguém que morava no prédio da frente. Minha intenção, num primeiro momento, era apenas conseguir alguma indicação que facilitasse a minha entrada no outro prédio, já que o objetivo era fotografar de ambos os lados. As respostas, no entanto, que geralmente eram negativas, vinham sempre acompanhadas da descrição de hábitos de um ou outro morador. Demonstravam assim uma relação de proximidade com aquelas pessoas das quais não sabiam nome, telefone e que, provavelmente, nem reconheceriam se passassem pela rua:

“Eu conheço a senhora do prédio da frente, quer dizer, conheço de ver ela fumar na janela todo sábado pela manhã.”

“Eu sei quem é o cara que mora lá, de vez em quando eu vejo ele na sacada, ele coloca uma rede e fica tocando violão...”

“O pessoal do prédio da frente é meio fechado, sabe? Meio esnobe. Quando eles aparecem na sacada e veem que a gente está na janela, já voltam para dentro. Nem olham para cá. Mas eu sei, por exemplo, que o senhor daquele apartamento come seu pãozinho na sacada, todo dia de manhã.”

“Não, não conheço ninguém do prédio da frente, mas eu já notei que todo domingo fazem uma festinha naquele apartamento ali, uma reunião, parece até coisa de candomblé!”

Interessada cada vez mais nestes relatos, que revelavam uma intimidade espontânea, gerada pela proximidade imposta pela configuração da cidade, comecei a gravar, sempre que possível, algumas dessas conversas. Com a ideia de montar o material na forma de audiovisual, passei a juntar às fotografias das janelas o áudio com fragmentos dos relatos que descreviam hábitos do morador do prédio da frente. *Conhecidos de Vista* foi assim se tornando um projeto que, apesar de estar inserido no campo das Artes, dialoga com outras disciplinas, como Urbanismo e Etnografia, propondo um olhar poético, mas também crítico, sobre as diferentes formas de se relacionar com esta situação de proximidade forçada que cresce cada dia nas nossas cidades.

Conhecidos de Vista foi assim se tornando um projeto que, apesar de estar inserido no campo das Artes, dialoga com outras disciplinas, como Urbanismo e Etnografia

Segundo Luce Giard, o vizinho é um ser nem íntimo nem anônimo com o qual nos relacionamos. É esta proximidade de endereço que estabelece este tipo de relação, uma vez que uma pessoa não é apenas seu nome, mas é também, segundo a autora, a rua onde mora. E este dado, a rua, é compartilhado entre os moradores de prédios próximos:

Como a assinatura que atesta uma origem, o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é configuração primeira, o arquétipo de todo o processo de apropriação do espaço como lugar de vida cotidiana pública. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2009, p. 44)

Mas o endereço compartilhado não elimina a tensão entre este conhecer/não conhecer que envolve a relação entre vizinhos. O prédio da frente configura uma

vizinhança que, por um lado, é mais distante, as pessoas não se cruzam pelos corredores como quando moram no mesmo prédio, mas, por outro, muito mais próxima do olhar, pois, mesmo não querendo, acompanhamos as movimentações do outro sempre que formos até a janela. Quando um morador fala que “o pessoal do prédio da frente é meio esnobe”, demonstra o quanto é difícil estabelecer o tênuo equilíbrio necessário para conviver nesta proximidade imposta, assim como a dificuldade de definir a distância necessária para assegurar a sua vida privada, ficando, na medida do possível, longe dos olhos do vizinho da frente.

A autora também fala das pequenas alegrias que criamos no dia a dia para sustentar a existência, como um café em determinado horário ou lugar, um pão com a manteiga de que gostamos, ou, como declara o mesmo morador, o ritual de comer o pãozinho que vê seu vizinho repetir todos os dias de manhã na sacada do seu apartamento. Pequenas alegrias inconscientemente compartilhadas, divididas aos olhos de todos. Gestos que fazem com que consigamos nos reconhecer nos hábitos do outro e encontrar semelhanças com estes desconhecidos que, assim, vão se tornando cada vez mais familiares.

As fotografias das janelas vistas do lado de fora nada revelam além do fato de estarem escondendo a intimidade de alguém. As do lado de dentro mostram pistas desta intimidade, mas sempre parciais. O áudio da conversa completa o jogo, criando uma terceira dimensão para as imagens, a dimensão do tempo, da existência, das relações interpessoais. Nesta junção entre palavra e imagem, a imagem ganha a profundidade de uma “imensidão íntima”, como se refere Bachelard em relação a certos espaços humanos, especialmente a casa. Mas esta imensidão não pode ser revelada, apenas sugerida. Estes espaços humanos a que o autor se refere são muito mais que sua configuração espacial em si, pois estão carregados de memórias, de histórias, de lembranças que contam um pouco da vida de quem mora ali. Quem conhece seu vizinho apenas por observar a janela não consegue mais do que imaginar o que tem do outro lado por meio de fragmentos e indícios de hábitos diários. Todo o resto permanece mistério.

Ao propor um trabalho com formato audiovisual para poder incorporar os depoimentos dos moradores, as aproximações com o cinema começam a aparecer. E ao tratar do tema ver e ser visto na cidade através das janelas dos prédios, associa-

ções com *Janela indiscreta*, célebre filme de Alfred Hitchcock, são quase inevitáveis. Se nos dias de hoje ter janelas tão próximas umas das outras tem se tornado cada vez mais comum, em 1954 esta questão ainda tinha ares de novidade. Hitchcock é, assim, considerado por muitos o grande precursor do tema. O filme todo se passa no espaço entre o pátio interno de uma vizinhança de edifícios em Nova York, por isso o nome original *Rear Window*, que, traduzindo literalmente, seria “janela dos fundos”. Jeffries, um fotógrafo profissional, acostumado com pautas desafiantes em lugares exóticos, vê-se confinado em seu apartamento por sete semanas em função da uma perna quebrada, acidente que acontece justamente devido aos perigos aos quais tinha que se expor por causa da sua profissão. Sem muito o que fazer, entediado, ele tenta se distrair observando os vizinhos através da janela do seu apartamento.



LETÍCIA LAMPERT

Conhecidos de Vista (fragmento), 2012, fotografia

Logo no início do filme, sem saber o quanto estava sendo profética em relação à própria sociedade, a sua enfermeira sentencia: “Viramos uma raça de bisbilhoteiros. As pessoas deveriam sair de suas próprias casa e olhar de fora para dentro, para variar um pouco.” É justamente este movimento de sair de casa e olhar de fora para dentro que é o mote do projeto, relativizando a questão do ponto de vista, propondo que o mesmo assunto seja visto, ou fotografado, pelo outro lado.

É interessante notar como o filme aborda também a questão da fotografia. É justamente um olhar de fotógrafo que permite desvendar os mistérios da cidade, ou o crime ocorrido debaixo dos olhos de tantos moradores. O que para todos passa despercebido pela repetição e banalidade dos acontecimentos diários, ele, com seu olhar treinado pela profissão, consegue perceber.

Outro filme que fala das relações estabelecidas na cidade e da opressão que o crescimento desenfreado traz, com prédios cada vez maiores, apartamentos menores e vistas cada vez mais cegas, é *Medianeras*, de Gustavo Taretto. Neste filme, que tem a cidade de Buenos Aires como palco, o protagonista também está envolvido com fotografia, mas de forma diferente. Ele não é fotógrafo, nem profissional, nem amador. Vítima das fobias que uma cidade grande pode desencadear, passa a fotografar por recomendação psiquiátrica, que indica esta atividade como forma de reaprender a se relacionar com a cidade, buscando um olhar mais poético para aquele entorno tão inóspito. Da mesma forma, este projeto propõe, por meio da fotografia, sensibilizar o olhar para situações comuns do cotidiano que muitas vezes deixamos de perceber, ou pensar sobre, de tão inseridos que estamos em determinado contexto, procurando assim entender como nos afeta e que transformações traz para o convívio social.

O nome do filme faz referência a uma estratégia utilizada por muitos moradores da cidade para se defenderem e burlarem a condição de encaixotados em apartamentos sem sol, sem ar e cada vez menores: janelas clandestinas e ilegais abertas nas “medianeras” dos edifícios, as laterais do prédio que não têm função nenhuma, nem mesmo decorativa.

Os personagens principais, Mariana e Martin, são praticamente vizinhos. Cruzam-se pela rua onde moram muitas vezes, compartilham hábitos, como frequentar a mesma escola de natação, mas nunca se olham de verdade, nunca conseguem

se enxergar. Não por acaso, a protagonista trabalha como decoradora de vitrines, dispositivo de dar a ver e, segundo ela, “um lugar perdido, que não está nem dentro nem fora dos lugares”. Um lugar que permite o anonimato. Sua própria atividade é utilizada assim como metáfora de sua condição. Em *Conhecidos de Vista*, o anonimato é também uma questão fundamental. Endereços e nomes não são revelados. As imagens e relatos sugerem uma existência, apontam para uma intimidade, mas esta permanece tão anônima quanto seria sua condição em relação aos “olhos” da cidade na vida real.

Se em *Janela indiscreta* o personagem se torna um contumaz observador da cidade e da vida de seus vizinhos, em *Medianeras* os personagens não conseguem se enxergar, se fazer perceber. O filme *Se em Janela indiscreta* usa outro estratagema para evidenciar esta metáfora: Mariana, que adora o livro de desenhos *Onde está Wally*, até então nunca tinha conseguido desvendar *Wally na cidade*, único cenário onde ela não encontra, de jeito nenhum, o personagem principal. Em sua vida, recém saída de um relacionamento frustrado, não é diferente. Busca encontrar um novo companheiro, mas, como no jogo, não percebe que o que procura esteve sempre muito perto, diante dos seus olhos. Cega pela multidão e pela expectativa de encontrar, não consegue ver. Em *Conhecidos de Vista*, nem sagazes observadores, nem olhares que querem, mas não conseguem se cruzar. Aqui, são olhares que, pela proximidade, são obrigados a ver. Olhares que se equilibram entre a curiosidade saudável e a bisbilhotice, entre a intimidade e o estranhamento, entre relações que permanecem distantes e amizades que passam a existir entre janelas: “Naquele apartamento da frente mora uma senhora idosa, e eu cuido dela daqui. Todo dia eu abro a janela e olho se ela abriu a dela, aí eu sei que está tudo bem.”

A questão que fica é como viver e se relacionar entre tantos olhares anônimos que a cidade nos aponta, assim como as diferentes formas de posturas possíveis.

Se a configuração da cidade é alheia a nossa vontade, a forma de se relacionar e se posicionar diante de determinadas situações ainda depende de nós. No fim, tudo é uma questão de ponto de vista.

Referências

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 2.

CORTÁZAR, J. *Histórias de cronocópios e de famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

JANELA indiscreta. *Rear Window*. Direção e produção: Alfred Hitchcock. Los Angeles: Paramount Pictures, 1954. 112 min.

KUSTER, E. Uma província de muitos olhos – Janela indiscreta e Caché: quando a cidade revela segredos através do cinema. *Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana*, Curitiba, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/URBE?dd1=179>>. Acesso em: jul. 2012.

MEDIANERAS. *Medianeras*. Roteiro e direção: Gustavo Taretto. Buenos Aires: Pandora Filmes, 2011. 95 min.